

Cisne negro com coroa

Existem acontecimentos que dificilmente podem ser previstos, mas que quando ocorrem possuem um enorme impacto. São os denominados cisnes negros. No início deste ano, o inesperado ataque dos EUA ao Irão poderia ter sido um, mas felizmente as tensões duraram poucos dias e o conflito não aumentou. Mal suspeitávamos que, de facto, o cisne negro já estava a atuar livremente na província chinesa de Hubei, cuja capital é Wuhan, na forma de um vírus com coroa.

Precisamente, o atraso na deteção do surto de coronavírus em Wuhan contribuiu para a sua rápida propagação por toda a província. Imagens de hospitais colapsados, retirada de cadáveres, fábricas paralisadas e ruas vazias causaram um forte impacto emocional e também contribuíram para alimentar o alarmismo aquando do aparecimento de surtos do vírus noutros países.

No entanto, perante as emoções é importante contrastar alguns dados. Em Hubei, província de quase 60 milhões de habitantes no epicentro da crise, a percentagem de habitantes infetados com o coronavírus até final de fevereiro era de 0,1% (1 em 1.000) e há vários dias que o número de contágios desceu significativamente. Para o conjunto da China, a taxa de afetados é muito menor: 0,01% (menos de 1 pessoa em cada 10.000). Mesmo se multiplicássemos por dois estes números, porque nem todos os casos são detetados, estaríamos a enfrentar taxas de infeção que certamente são bastante inferiores às que a grande maioria das pessoas acha.

No respeitante à agressividade do vírus, as estimativas mais recentes – publicadas no final de fevereiro pelo prestigioso *New England Journal of Medicine* – sugerem um rácio de letalidade de cerca de 1% (as estimativas anteriores situavam-no em torno de 2%). É um número elevado se o compararmos com o da gripe normal (0,1%), mas inferior ao do SARS (10%), MERS (33%) ou da gripe das aves (60%). Também é importante sublinhar que a mortalidade concentra-se especialmente em pessoas idosas ou afetadas por doenças crónicas. Para a grande maioria, o COVID-19 manifesta-se com uma sintomatologia semelhante à da gripe.

A situação, séria, merece uma resposta que evite complacências mas também alarmismos. A prioridade – conforme declararam as autoridades sanitárias europeias – é a contenção da epidemia, sendo que neste sentido serão necessárias medidas diferentes, dependendo da situação. O objetivo visa garantir que os hospitais não fiquem colapsados e ganhem tempo para identificar medicamentos que possam combater o vírus, conceber uma vacina eficaz e esperar que – façamos figas – com a chegada da primavera, diminua a capacidade de propagação do vírus. O que aconteceu em Wuhan deve ser evitado a todo o custo: uma expansão descontrolada da epidemia que saturou hospitais, dificultou a gestão da crise e afetou o atendimento necessário aos pacientes mais graves. A demora na adoção de medidas fez com que no momento em que foram tomadas, as mesmas tivessem que ser draconianas.

Muito tem sido dito sobre o impacto económico do coronavírus, com analistas e agências a rever rapidamente as suas previsões. Certamente, a economia mundial crescerá menos do que o previsto, mas ainda é cedo para tentar efetuar estimativas exatas ou assertivas. Neste momento, o mais sensato é prever um intervalo que forçosamente deve ser amplo e que vai desde um custo de muito poucas décimas a um impacto mais substancial, de talvez até 1 p.p. Dependerá fundamentalmente do tempo necessário para conter a epidemia e do quão drásticas devem ser as medidas para o conseguir. Por outro lado, também será crucial bloquear os possíveis canais financeiros de contágio com medidas como injeções de liquidez e ajudas fiscais aos setores mais afetados (ajudas que, por exemplo, poderiam incidir sobre a manutenção do emprego). De qualquer forma, convém referir que estamos perante um choque temporário que deve durar alguns meses e após o qual, certamente, testemunharemos uma recuperação da atividade.

Teremos tempo para tirar ilações desta crise sanitária, mas por enquanto sugerimos duas. Primeiro, a necessidade de estarmos melhor preparados para o risco de um futuro vírus muito mais letal do que o COVID-19, que caso suceda, estejamos munidos de reservas estratégicas de material sanitário. E segundo, pensemos nos cisnes negros aquando do planeamento. Caso ocorra uma nova crise, que nos apanhe prevenidos com uma almofada de segurança e sem mais dívidas para além da conta.